

Literatura Brasileira

Ellen Keller

CEEP em Saúde Tancredo Neves

NTE 25

Quinhentismo (Século XVI)

Poema da Virgem.

Por: José de Anchieta.

Compaixão da Virgem na morte do filho

Por que ao profundo sono, alma, tu te abandonas, e
em pesado dormir, tão fundo assim ressonas?

Não te move a aflição dessa mãe toda em pranto, que
a morte tão cruel do filho chora tanto?

O seio que de dor amargado esmorece, ao ver, ali
presente, as chagas que padece?

Onde a vista pousar, tudo o que é de Jesus, ocorre ao
teu olhar vertendo sangue a flux.

Olha como, prostrado ante a face do Pai, todo o
sangue em suor do corpo se lhe esvai.

Olha como a ladrão essas bárbaras hordas pisam-no
e lhe retêm o colo e mãos com cordas.

Olha, perante Anás, como duro soldado o esbofeteia
mau, com punho bem cerrado. (...)

Barroco (Século XVII)

**Formosura, e Morte, advertidas por um corpo
belíssimo, junto à sepultura.**

Por: Dom Francisco Manuel de Melo

Soneto I

Armas do amor, planetas da ventura

Olhos, adonde sempre era alto dia,

Perfeição, que não cabe em fantasia,

Formosura maior que a formosura:

Cova profunda, triste, horrenda, escura,

Funesta alcova de morada fria,

Confusa solidão, só companhia,

Cujo nome melhor é sepultara:

Quem tantas maravilhas diferentes

Pode fazer unir, senão a morte?

A morte foi em sem-razões mais rara.

Tu, que vives triunfante sobre as gentes.

Nota (pois te ameaça uma igual sorte)

Donde pára a beleza, e no que pára.

Arcadismo ou Neoclassicismo (Século XVIII)

Ó tranças, de que Amor prisão me tece.

Por: Bocage.

Ó tranças, de que Amor prisão me tece,
Ó mãos de neve, que regeis meu fado!
Ó tesouro! ó mistério! ó par sagrado,
Onde o menino alígero adormece.
Ó ledos olhos, cuja luz parece
Tênuo raio de sol! Ó gesto amado,
De rosas e açucenas semeado
Por quem morrera esta alma, se pudesse!
Ó lábios, cujo riso a paz me tira,
E por cujos dulcíssimos favores
Talvez o próprio Júpiter suspira!
Ó perfeições! Ó dons encantadores!
De quem sois?... Sois de Vênus? - É mentira;
Sois de Marília, sois de meus amores.

Romantismo (Primeira Metade do Século XIX)

Navio Negroiro. Por: Castro Alves

'Stamos em pleno mar... Doudo no espaço
Brinca o luar — dourada borboleta;
E as vagas após ele correm... cansam
Como turba de infantes inquieta.

'Stamos em pleno mar... Do firmamento
Os astros saltam como espumas de ouro...
O mar em troca acende as ardentias,
— Constelações do líquido tesouro...

'Stamos em pleno mar... Dois infinitos
Ali se estreitam num abraço insano,
Azuis, dourados, plácidos, sublimes...
Qual dos dous é o céu? qual o oceano?...

'Stamos em pleno mar. . . Abrindo as velas
Ao quente arfar das virações marinhas,
Veleiro brigue corre à flor dos mares,
Como roçam na vaga as andorinhas... .

{...}

Realismo
(Segunda Metade do Século XIX)

Dom Casmurro. Por: Machado de Assis.

Olhos de Cigana

Tinha-me lembrado a definição que José Dias dera deles, "olhos de cigana oblíqua e dissimulada."

Eu não sabia o que era oblíqua, mas dissimulada sabia, e queria ver se podiam chamar assim.

Capitu deixou-se fitar e examinar.

Só me perguntava o que era, se nunca os vira, eu nada achei extraordinário; a cor e a doçura eram minhas conhecidas.

A demora da contemplação creio que lhe deu outra idéia do meu intento; imaginou que era um pretexto para mirá-los mais de perto, com os meus olhos longos, constantes, enfiados neles, e a isto atribuo que entrassem a ficar crescidos, crescidos e sombrios.

Naturalismo (Segunda Metade do Século XIX)

O Cortiço. Por: Aluísio de Azevedo.

"Bertoleza representava agora ao lado de João Romão o papel tríplice de caixeiro, de criada e de amante. Mourejava a valer, mas de cara alegre; às quatro da madrugada estava já na faina de todos os dias, aviando o café para os fregueses e depois preparando o almoço para os trabalhadores de uma pedreira que havia para além de um grande capinzal aos fundos da venda.

Varria a casa, cozinhava, vendia ao balcão na taverna, quando o amigo andava ocupado lá por fora; fazia a sua quitanda durante o dia no intervalo de outros serviços, e à noite passava-se para a porta da venda, e, defronte de um fogareiro de barro, fritava fígado e frigia sardinhas, que Romão ia pela manhã, em mangas de camisa, de tamancos e sem meias, comprar à praia do Peixe.

E o demônio da mulher ainda encontrava tempo para lavar e consertar, além da sua, a roupa do seu homem, que esta, valha a verdade, não era tanta."

Parnasianismo (Fins do Século XIX)

Via-Láctea. Por: Olavo Bilac

“Ora (dizeis) ouvir estrelas! Certo
Perdeste o senso!” E eu vos direi, no entanto,
Que, para ouvi-las, muita vez desperto
E abro as janelas, pálido de espanto...
E conversamos toda a noite, enquanto
A via-láctea, como um pálio aberto, Cintila.
E, ao vir do sol, saudoso e em pranto,
Inda as procuro pelo céu deserto.
Dizeis agora: “Tresloucado amigo!
Que conversas com elas? Que sentido
Tem o que dizem, quando estão contigo?”
E eu vos direi: “Amai para entendê-las!
Pois só quem ama pode ter ouvido
Capaz de ouvir e de entender estrelas”.

Simbolismo (Fins do Século XIX)

Ismália. Por: Alphonsus de Guimaraens.

Quando Ismália enlouqueceu,

Pôs-se na torre a sonhar...

Viu uma lua no céu,

Viu outra lua no mar.

No sonho em que se perdeu

Banhou-se toda em luar...

Queria subir ao céu,

Queria descer ao mar...

E, no desvario seu

Na torre pôs-se a cantar...

Estava perto do céu,

Estava longe do mar...

E como um anjo pendeu

As asas para voar...

Queria a lua do céu,

Queria a lua do mar...

As asas que Deus lhe deu

Ruflaram de par em par...

Sua alma subiu ao céu,

Seu corpo desceu ao mar.

Pré-Modernismo (Primeiras décadas do Século XX)

Reinações de Narizinho. Por: Monteiro Lobato

Numa casinha branca, lá no Sítio do Picapau Amarelo, mora uma velha de mais de 60 anos. Chama-se Dona Benta. Quem passa pela estrada e a vê na varanda, de cestinha de costura ao colo e óculos de ouro na ponta do nariz, segue seu caminho pensando:

– Que tristeza viver assim tão sozinha neste deserto...

Mas engana-se. Dona Benta é a mais feliz das vovós, porque vive em companhia da mais encantadora das netas – Lúcia, a menina do narizinho arrebitado, ou Narizinho, como todos dizem. Narizinho tem 7 anos, é morena como jambo, gosta muito de pipoca e já sabe fazer uns bolinhos de polvilho bem gostosos. Na casa ainda existem duas pessoas – Tia Nastácia, negra de estimação que carregou Lúcia em pequena, e Emília, uma boneca de pano bastante desajeitada de corpo. Emília foi feita por Tia Nastácia, com olhos de retrós preto e sobrelhas tão lá em cima que é ver uma bruxa. Apesar disso, Narizinho gosta muito dela; não almoça nem janta sem a ter ao lado, nem se deita sem primeiro acomodá-la numa redinha entre dois pés de cadeira. Além da boneca, o outro encanto da menina é o ribeirão que passa pelos fundos do pomar.

Modernismo (1922 a 1930)

Desencanto. Por: Manuel Bandeira

Eu faço versos como quem chora
De desalento... de desencanto...
Fecha o meu livro, se por agora
Não tens motivo nenhum de pranto.
Meu verso é sangue. Volúpia ardente...
Tristeza esparsa... remorso vão...
Dói-me nas veias.
Amargo e quente,
Cai, gota a gota, do coração.
E nestes versos de angústia rouca
Assim dos lábios a vida corre,
Deixando um acre sabor na boca.

- Eu faço versos como quem morre.

2ª Fase do Modernismo ou Neorrealismo
(1930 a 1945)

Nadador. Por: Cecília Meireles.

O que me encanta é a linha alada
das tuas espáduas, e a curva
que descreves, pássaro da água!
É a tua fina, ágil cintura,
e esse adeus da tua garganta
para cemitérios de espuma!
É a despedida, que me encanta,
quando te desprendes ao vento,
fiel à queda, rápida e branda
E apenas por estar prevendo,
longe, na eternidade da água,
sobreviver teu movimento...

Pós-Modernismo (Depois de 1945)

Precisão. Por: Clarice Lispector.

O que me tranquiliza

é que tudo o que existe,

existe com uma precisão absoluta.

O que for do tamanho de uma cabeça de alfinete

não transborda nem uma fração de milímetro

além do tamanho de uma cabeça de alfinete.

Tudo o que existe é de uma grande exatidão.

Pena é que a maior parte do que existe

com essa exatidão nos é tecnicamente invisível.

O bom é que a verdade chega a nós

como um sentido secreto das coisas.

Nós terminamos adivinhando, confusos,

a perfeição.